

Depoimento aos bravos companheiros e fantasmas

Testimony to Brave Companions and Ghosts

Andréia Delmaschio*

*Dedico aos meus jovens alunos que se iniciam
no exercício da escrita crítica ou criativa.*

Nestes¹ tempos vis que vivemos, por entre as notícias de tantos tristes depoimentos pagos (digo, delações premiadas), quando ouço que me pedem um depoimento, o pensamento já quer correr lá fora, a certificar-se de que algumas coisas ainda permaneçam do jeito que as deixei anteontem, ou no ano retrasado...

* Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente titular do Instituto Federal do Espírito Santo, e escritora, autora de *Mortos vivos* (2008), *Aboio de fantasmas* (2014), *Tem uma lua na minha janela* (2015), *Nas águas de Lia* (2018), além de obras ensaísticas.

¹ DELMASCHIO, Andréia. Depoimento aos bravos companheiros e fantasmas. In: SODRÉ, Paulo Roberto; FREIRE, Pedro Antônio; AMARAL, Sérgio da Fonseca (Org.). *Brav@s companheir@s e fantasmas 8: estudos críticos sobre o(a) autor(a) capixaba*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018. p. 61-69.

Segue-me ainda, nessas circunstâncias, uma certa má-consciência por debruçar-me sobre o meu umbigo de escrita enquanto o país se precipita não se sabe ao certo para onde, para quê, para quando.

Consola-me saber que ao menos esta minha delação, sem "prêmio", aponta o dedo, primeiramente, para mim, para esta que sou e aquela que fui, em busca de responder às perguntas que me foram feitas, a mim e aos outros três colegas escritores que comigo compuseram a mesa de encerramento do VIII Seminário Bravos Companheiros e Fantasmas, perguntas acerca da nossa formação de leitores-escritores e da nossa produção.



Apresentação de Andréia Delmaschio (ao lado, da esquerda para a direita, de Jorge Elias, Lucas dos Passos, Brunela Brunella e Wilberth Salgueiro) de seu "Depoimento aos bravos companheiros e fantasmas", no Bravos Companheiros e Fantasmas VIII: Seminário sobre o Autor Capixaba, na Ufes, em junho de 2018.

É bem possível que eu não saiba dizer com certeza quais foram as razões que me conduziram, até aqui, em direção ao desejo de escrita. Aliás a ausência

mesma de certezas ou razões sempre me pareceu um bom motivo, principal, para inventar. E sigo assim, driblando entre as razões e a ausência delas, a cobrir folhas e telas com verdades inventadas, porque certezas não há.

Essa história do desejo de escrita tem início bem lá atrás, provavelmente num elogio daqueles de fundo didático, quase protocolares, que as professoras das séries básicas sabem dar (e sem que pareçam protocolares), quando são boas profissionais. Porque, sinceramente, sem aquele primeiro reconhecimento pelo meu esforço de pôr palavras num papel, certamente nada mais, nesse percurso, teria acontecido. Reconhecimento, diálogo, identificação... Ainda que mínimos, são ingredientes fundamentais para alimentar qualquer tipo de escritor, de qualquer tipo de escrita. Afirmo, sem medo de generalizar: ninguém escreve para si mesmo, isso simplesmente não existe.

No meu caso especificamente, que é o motivo deste “depoimento”, desde que a escrita se mostrou como um meio eficaz para atrair a atenção dos adultos (não é por outra razão que uma criança inventa histórias), passei a recorrer a ela com frequência. E para que isso pudesse ter desdobramentos, sentia, de modo quase intuitivo, que também necessitava da leitura. Eram experiências diferentes, mas que de algum modo se complementavam.

Ler e escrever, na minha família e no meio em que vivia, não eram consideradas tarefas importantes, ou nobres; nem mesmo eram consideradas tarefas promissoras. Muito pelo contrário: quando se luta pela subsistência sem enxergar no entorno e no futuro próximo quaisquer outras possibilidades de investimento que não sejam aqueles feitos diretamente no ganha-pão, tudo que diverge do trabalho duro, pesado, físico, de resultados imediatos e concretos, é considerado como antitrabalho, desvio, ou desperdício de energia.

Era assim nas camadas mais exploradas da classe trabalhadora do Brasil de meados dos anos 1970. Lá em casa, recolher-se à luz do dia para ler era ato vigiado, proibido, delatado e punido.

Males que vêm para o bem, desde muito cedo tive de aprender a ler às escondidas, de me dedicar a escrever e a não querer mostrar para ninguém além da professora, além de lidar com os *carca manos* a partir de uma espécie de mundo paralelo ao qual a leitura e a escrita eram rebaixadas – ou elevadas – a um patamar de coisa inútil e proibida: lia à noite, depois que todos dormiam, lia de dia, quando os adultos iam para o trabalho, lia principalmente escondida dentro de um carro velho que tinha sido abandonado no fundo do quintal, perto do mangue.

Esse esconderijo singular era uma mistura de quartel-general (os generais Machado de Assis e José de Alencar tinham se apossado de tudo por ali) com biblioteca de guerra; havia inclusive uma tática especial de cobrir os espaços do que um dia tinham sido as janelas do carro, de modo a não ser descoberta, deixando um pequeno orifício para a entrada de luz necessária àquelas horas de leitura ávida, desejada, desejante, que invariavelmente se encerravam, de modo abrupto, com um grito vindo lá de dentro da casa, determinando o fim do secreto recreio.

Como era de se esperar, o meu escuro escritório de ferro, em seu metro e meio de largura, foi rapidamente corroído pela ferrugem, durou menos que *Os últimos dias de Pompeia*. É que as aguinhas calmas daquele braço de mar, dia após dia, vinham acariciar diretamente a capota do velho corcel. Vez ou outra cheguei mesmo a encontrar um sirizinho assustado tentando roer *A carne* de Júlio Ribeiro, e muitas vezes tive de sair rapidamente do meu *bunker*, na hora em que subia a maré...

Neste exato momento, como eu gostaria de poder rever de fora a cena passada ali: a criança loura perscrutando escondida a praça de guerra fora do esconderijo, e depois fugindo com a maré alta batendo nas pernas finas e seguindo rápido para casa, carregada de livros.

Nessa época não havia muito que ler além dos romances brasileiros do século XIX, obrigatórios para os irmãos mais velhos, que já estavam no “ginásio”. Daí que, terminando de ler *O mulato*, enquanto a professora de literatura não lhes solicitava um outro livro “paradidático”, tive de reler *O mulato*, reler de novo e de novo...

Alguns trimestres eram mais produtivos que outros; a professora parecia estar inspirada e dava então pequenos voos para além da literatura brasileira, mas o grosso mesmo do meu estoque – e do meu gosto – já ia sendo formado por Machado, Alencar, Aluísio... portanto não havia nada de que reclamar, foi um preâmbulo de sorte.

Liberada de antemão da cartilha – chatíssima, comparada a bulas de remédios – por ter aprendido a ler antes de entrar para a escola, segundo consta sozinha e nas tais bulas de remédios (tendo a achar essa versão materna fantasiosa, e creio antes que o aprendizado tenha se dado lá, na parte de cima do beliche, de onde, como sempre escondida, observava enquanto os irmãos faziam o seu dever de casa, dia após dia), fui direto para “o livro do primeiro ano”, território a partir do qual Cecília Meireles e Mário Quintana passaram a adoçar – e também a salgar – com a sua poesia os domínios prosaicos do meu quartel-general. Enfim eu tinha em mãos um livro meu, o primeiro livro não roubado do armário dos meninos.

E foi lá, no livro azul e rosa de cujo cheiro ainda hoje me recordo, que vi primeiro o onipresente “Ou isto ou aquilo”. O poema de Cecília Meireles era o texto de abertura, fazia as vezes de um pórtico para o que me parecia um verdadeiro espaço mágico.

A carência de meios e recursos jamais deveria ser elogiada num mundo em que ela simplesmente não precisaria existir; porém, considerada a imutabilidade daquele contexto, não tenho dúvidas de que foi devido à vigência dela que o universo literário se mostrou como refúgio e consolo. Com o passar do tempo e a lenta transformação da ausência de recursos inicial, a poesia e o romance foram libertos também, claro, para que cumprissem outras missões...

Naquele tempo, porém, se "Ou isto ou aquilo" mexia comigo, não era devido a qualquer recepção moral da mensagem, de não ser possível querer ter tudo, ou de que cada escolha encerra uma responsabilidade e uma consequência; nada disso, felizmente, eu enxergava nele. O que os versos me davam estava aquém: era saber que havia, haveria de haver, em algum lugar deste mundo, a possibilidade de escolha. A voz do poema não deixava muito claro para mim se aquilo era coisa que uma criança também pudesse pleitear. E mesmo com a enorme distância que havia entre a realidade do poema e a minha, eu passei a querer muito saber onde vigoraria uma lei, natural ou artificial, que desse às pessoas a simples condição de escolha descrita ali.

Algumas páginas adiante, e para mim muito mais marcante que as escolhas de Cecília Meireles, lá estava a "Canção da garoa" de Mário Quintana, um poema tão musical que eu mesma o decorei e, aos domingos, depois do almoço, quando os adultos pareciam ter dado enfim uma trégua na vigilância sobre as nossas vidas de seres menores, no balanço de corda que meu pai tinha pendurado na mangueira, eu me em balava e cantava "o anjo todo molhado" do poema-canção. Era outra cena que, hoje, não sem algum receio, eu gostaria de rever.

Só muito tempo depois fui reencontrar esses versos, já na vida adulta. Durante anos, aquele quase soneto me encheu a existência de enigmas, principalmente pela estranha ameaça de tristeza presente nos versos finais:

E chove sem saber por quê...
E tudo foi sempre assim!
Parece que vou sofrer:
Pirulin lulin lulin...

Como pode haver tanta coisa, para uma criança, em apenas doze versos aparentemente tão simples! Além de um anjo molhado, que soluça sobre um telhado, havia uma tocante nostalgia em ter de aceitar o atavismo representado na chuva que chovia sem razão de ser, como toda chuva, enfim; mas uma tristeza ainda mais pungente se mostrava naquele verso repleto de uma intuição aparentemente inescapável: "Parece que vou sofrer" amargava os meus dias um bocado. Eu olhava a foto do autor ao lado do texto. Era um adulto! E se era um adulto que dizia, eu imaginava que ele devia saber do que estava falando. "Parece que vou sofrer" se referia a quem, enfim? A ele? A mim? Às crianças? A todo mundo? Eu torcia para que fosse coisa só lá dele mesmo, o seu Mário... Mas por que diabos aquela frase veio parar logo no livro do primeiro ano, se todos sabiam que no primeiro ano só havia crianças. Seria um aviso? Terríveis enigmas...

Por vezes eu tentava concluir alguma coisa da leitura conjunta dos dois poemas, colher as ideias de um para ter auxílio no outro. Resultava em questões assim: Caso pudesse escolher, como no texto de Cecília, eu teria de escolher portanto entre isto ou aquilo, certo? E no caso de sofrer e não sofrer? Poder-se-ia escolher entre isto e aquilo? Ou teríamos todos que sofrer porque foi sempre assim? Ou teríamos de aceitar o sofrimento, porque foi sempre assim? O que é que "foi sempre assim", seu Mário, eu queria poder perguntar. O que é que foi sempre assim, sofrer ou aceitar? Ou seriam ambos o mesmo? Por outro lado, aquela série de opções do primeiro poema era mesmo finita? Terminaria ela nos limites do poema? Ou valeria também para o caso do segundo poema, para o caso de sofrer? Santa Cecília, me livre desse Mário, eu pedia!

E a infância seguiu assim, entre as tarefas inexplicáveis que cada um tinha de realizar naquela paupérrima empresa que era a família de origem interiorana migrada para os subúrbios da Vila Velha, e as aulas de língua portuguesa, que

pareciam uma máquina do tempo, um parque de diversões a partir do qual tudo era, ao menos virtualmente, possível, em especial se a professora, com sorte, deslizava da gramática para a viagem que era a poesia, a literatura...

Nessa época descobri também Monteiro Lobato, na feia biblioteca de livros de capas sujas e gastas, onde imperavam os didáticos, esquálidos, quase sempre com páginas rasgadas, que os faziam tão pouco atraentes...

A partir dali, a onda era a série Vaga-lume, a qual, contudo, na comparação intrínseca que eu já fazia com a linguagem dos generais Machado e Alencar, era colocada no chinelo. Ainda assim, oferecia boa diversão para os bimestres em que faltavam os clássicos. As provas sobre os livros de Ofélia e Narbal Fontes, com fichas e “estudos dirigidos” sobre ilhas perdidas e índios e bandeirantes e escaravelhos de ouro e borboletas atírias e menino de asas, eram moleza.

Não faltaram também, para uma clara percepção do contraste, uns romances muito ruins e totalmente água com açúcar, com leves pitadas de sexo *standard*, de uma série que levava nomes de mulheres, como Júlia e Sabrina, aos quais só tive acesso porque vinham colados, promocionalmente, às caixas de sabão em pó que mamãe comprava no supermercado. O pessoal do *marketing*, na década de 1970, já não era bobo, não: Enquanto a máquina lava a roupa, a senhora lê e sonha com um amante como o nosso herói... A verdade é que não tínhamos máquina de lavar, e mamãe não sabia ler muita coisa. Amantes, então, nem pensar!

Ainda assim, ou talvez pelo fato mesmo de a literatura, apesar de ser uma disciplina escolar, ter sido posta desde cedo do lado do proibido, do sobejo e da recreação, quando cheguei ao ensino médio (na época chamado “segundo grau”), jamais havia considerado que ela pudesse representar algo como uma profissão (refiro-me a dar aulas de literatura, claro; não à escrita, trabalho de que muito raramente se pode viver, como se sabe).

Por razões que não sei precisar ao certo, mas muito provavelmente devido à influência dos *best sellers* de Morris West, que traziam como motivo, ora na ambiência, ora nos argumentos ou na criação dos personagens, o trabalho psicanalítico, fui considerando cada vez mais seriamente a possibilidade de vir a tentar o vestibular (esse termo, na época, soava como “leviatã”) para Psicologia. Subrepticamente, do subsolo a que tinha sido lançada, a literatura cumpria o seu papel desviante.

Esse preâmbulo me leva a um novo capítulo do contato com as letras: devido àquela precocidade autodidata no aprendizado da leitura e da escrita, antes mesmo de completar seis anos fui levada ao primeiro ano, o do livro azul e rosa com Mário e Cecília, tendo terminado portanto o ensino médio por volta dos quinze. O irmão mais velho, que nessa época já estudava administração na universidade (os *manos* todos acabaram se encaminhando para essa profissão) foi encarregado de fazer a minha matrícula para os exames de admissão, que na época eram feitos em três etapas, distribuídas em três dias. Lembro como se fosse hoje o diálogo que tivemos:

- A inscrição é pra que curso mesmo? Biblioteconomia?
- Que pergunta é essa agora? É pra Psicologia, você está careca de saber!
- Não pode ser pra Pedagogia ou pra Letras?
- Ah, pára!
- Está bem, Psicologia. E pra segunda opção, eu registro o quê?
- Pode escrever qualquer coisa. Eu só farei o curso se for aprovada pra Psicologia.

Ao retornar das suas aulas, no fim da tarde, lá estava ele, inacreditavelmente, com o meu cartão de inscrição no vestibular para o curso de Letras. Contrariada, irada, fiz o exame, fui aprovada e, antes mesmo que pudesse me informar acerca dos trâmites necessários para uma possível mudança de curso, descobro que aquele era um bom lugar para entrar em contato com ferramentas que poderiam

auxiliar na prática da escrita, que eu vinha desenvolvendo desde os nove, em geral me arriscando em curiosos contos de ficção científica, como aquele de onze páginas datilografadas, que considerei de grande fôlego, intitulado "O dia em que a gravidade acabou na Terra".

Algumas pessoas foram muito importantes nessa nova etapa: as aulas de Teoria da Literatura com o muito jovem professor Paulo Sodré abriram perspectivas inimagináveis até então para mim: aquilo que poderia ser o mais simples exercício de leitura de um poema, conduzido por ele era ao mesmo tempo um aprendizado teórico, uma oportunidade de trabalho coletivo e o melhor exemplo pedagógico que poderíamos ter. Além de que nos estimulava a rascunhar os nossos primeiros textos críticos, no formato do ensaio, trabalho no qual em geral nos saíamos todos mal, ou muito mal. E seria injusto não registrar aqui os nomes do professor Luís Busatto, que contagiava mesmo quando silente, dada sua paixão pela literatura, e da professora Telma Boudou, humana até a última página.

Um bom tempo depois, quando já cursava o mestrado, tive a sorte de conhecer por acaso o poeta Miguel Marvilla, que quis ler e depois publicar, na revista que então editava, um curto conto meu. Vieram as vertigens da primeira publicação e, com elas e os comentários animadores de alguns poucos leitores, o ânimo para continuar a escrever.

Do processo de produção em si eu consigo explicar muito pouco. Talvez porque o tempo que dedico à escrita seja muito entrecortado por inúmeras e diferentes tarefas (como é o de tanta gente, enfim), eu não tenha nunca podido me dar o luxo de um empenho mais contínuo e frequente. Talvez por isso também tenha optado quase sempre pelos gêneros de menor fôlego, priorizando textos que posso iniciar e encerrar em algumas poucas horas de trabalho, como o conto e a crônica.

Apesar da intermitência, publiquei dois livros de contos: *Mortos vivos* (Secult, 2008) e *Aboio de fantasmas* (Secult, 2014); um livro de crônicas: *Tem uma lua na minha janela* (Secult, 2015) e um infantil: *Nas águas de Lia* (Secult/Cousa, 2018).

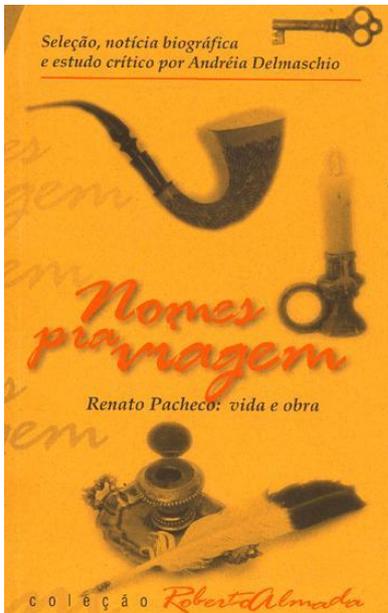


Capas dos livros literários de Andréia Delmaschio.

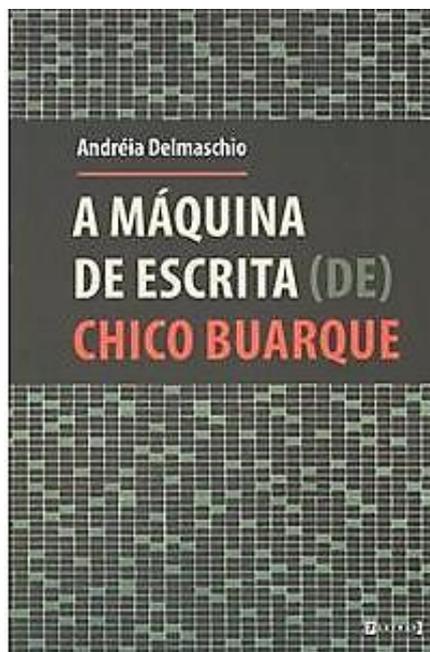
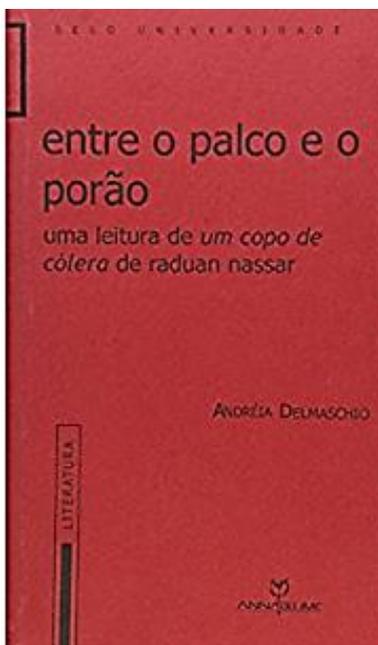


Também publiquei dois livros de conteúdo biográfico: *Nomes pra viagem* (PMV, 2002) e *Renato Pacheco* (Protexto, 2007) e dois de crítica literária: *Entre o palco*

e o porão: uma leitura de um copo de cólera, de Raduan Nassar (Annablume, 2004) e *A máquina de escrita* (de) Chico Buarque (7Letras, 2014).



Capas dos livros de ensaio de Andréia Delmaschio.



Quanto à minha temática preferencial, outro ponto proposto para ser desenvolvido aqui, olhando, hoje, para o que tenho escrito, percebo com clareza

que a infância (a minha, tanto quanto a dos demais), se nem sempre constituiu um mote, ao certo foi a grande motivação. Talvez a criança que fui nunca tenha me abandonado de todo, como mostra o início deste depoimento.

Em 2008 inaugurei, seguindo o conselho de um amigo, um blog denominado Aboio de fantasmas, que ainda mantenho e que me pareceu o modo mais rápido de obter algum tipo de resposta de quem me lê. Como o nome indica, ele guarda a função de conduzir, pelas palavras, a minha sempre renovável tropa – ou legião – de fantasmas. Ali eu registro poemas e prosas curtas, ou seriadas, textos aos quais posso retornar a qualquer momento, para alteração e retoque.

Encerro aqui, agradecendo pelo convite e pela leitura. Parabéns aos organizadores de mais este Seminário do autor capixaba.

Bravos, companheiros e fantasmas!

Vitória, agosto de 2018.